

lingüística

A SINTAXE DO CANTONÊS E DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS (ESTUDO CONTRASTIVO)

T. A. Cheng *

0. INTRODUÇÃO

No que diz respeito à linguística tradicional, registaram-se na China resultados substanciais sobretudo no domínio da fonologia, da filologia e da interpretação de natureza semântica dos textos antigos. Quanto à gramática propriamente dita, foi necessário esperar até ao fim do século passado para ver a sua introdução concretizada no Império do Meio. Pela lógica das coisas, a investigação neste domínio não poderia deixar de ser fortemente impregnada, desde o seu início, pelos conceitos gramaticais do mundo latino. Daqui resulta uma tendência quase geral para afeiçoar a gramática chinesa ao molde da latina, para impor àquela conceitos que não possui, mas que a latina possui e que arriscam camuflar a sua verdadeira natureza. É, apenas, a partir dos anos quarenta do nosso século que as coisas começam a transformar-se.

São cada vez mais numerosos os linguistas chineses que acabaram por sair dos caminhos percorridos para tentar apreender as estruturas imanentes da sua própria língua. As suas reflexões foram frutuosas e o seu trabalho útil.

Entretanto, dois pontos merecem ser evidenciados se quisermos prosseguir nesta ordem de ideias. Por um lado, podemos discorrer sobre diferenças aparentes entre a gramática latina e a gramática chinesa, mas, uma vez confrontados com os factos concretos da língua, encontraremos refúgio nos conceitos estrangeiros que parecem aplicáveis universalmente. Por outro lado, passa-se ao outro extremo: não há métodos nem teoria que, vindos do Ocidente, sejam aplicáveis à gramática chinesa. Para fundar uma verdadeira teoria, seria necessário, portanto, repensar tudo, reinventar tudo: conceitos, quadro de trabalho, incluindo a terminologia.

No fim de contas, as duas ideias acima mencionadas testemunham a tenacidade da influência que continua a exercer-se nos linguistas chineses. Não se põe o problema de saber qual destas abordagens escolher se abstrairmos da convicção científica de cada um, da metodologia de investigação adoptada e da natureza do corpus inventariado.

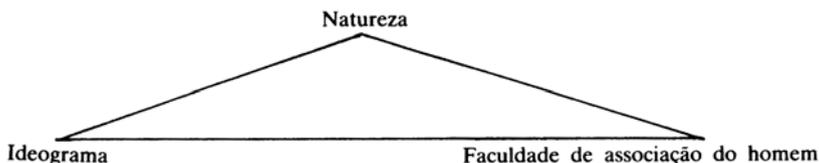
* Doutorado em Linguística Geral pela Universidade de Paris VII. Professor da City Polytechnic de Hong Kong. Membro do Centro de Investigação em Linguística e em Linguística Aplicada, Cantão.

A presente contribuição tem uma base empírica e tem como objectivo carrear uma nova pedra para o edifício dos estudos contrastivos. Tendo em conta o triplo nível metodológico a seguir nos trabalhos linguísticos, a saber: observação, descrição e explicação, situar-nos-emos, sobretudo, ao nível da observação e faremos, de passagem, algumas descrições. Mas, ante a complexidade dos problemas a examinar, abster-nos-emos de dar explicações, atendendo ao espaço a que temos de nos limitar.

1. SISTEMA DE ESCRITA E GRAMÁTICA

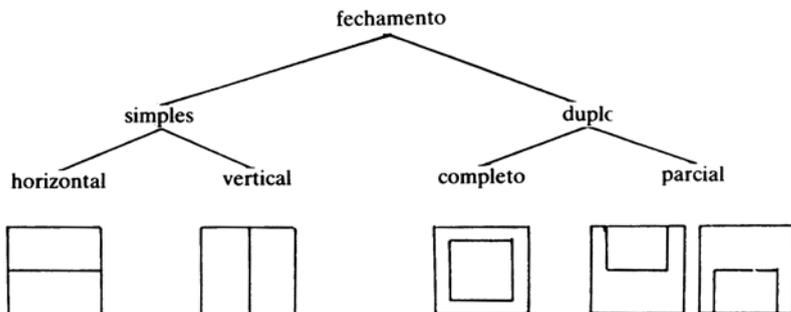
Segundo a teoria dos signos formulada pelo linguista suíço Ferdinand Saussure, o signo tem uma dupla componente: significado e significante, sendo os fonemas e os grafemas os constituintes do significante. Como hipótese de trabalho, consideramos que é interessante examinar de perto o grau de pertinência que poderá existir entre as propriedades dum sistema de escrita e a gramática da respectiva língua.

O sistema de escrita chinesa remonta a mais de 4 000 anos. Por volta do ano 2 500 a.C. já tinha evoluído para um tipo de escrita pictográfica muito esquematizada, fonte da escrita actual. Para sermos precisos, o ideograma chinês, que é o seu representante individual, acaba por aparecer como um composto associativo. Ele é em si mesmo um reflexo fiel da Natureza, ao contrário das letras da escrita fonética que são sinais convencionais. Em resumo, podemos imaginar que a génese da escrita chinesa está ligada, em sentido lato, à faculdade de associação do homem, como o mostra o triângulo abaixo:



Na verdade, nos nossos dias, com a evolução da história da língua, o ideograma chinês tornou-se uma figuração despojada, não realista do objecto.

A escrita chinesa estabilizou-se no século IV com ideogramas graficamente fechados, cujas configurações se podem repartir em fechamento simples e em fechamento duplo (ver esquema abaixo):



Por mais complexas que sejam as organizações internas dos ideogramas, a escrita chinesa permanece uma escrita fechada. É este fechamento gráfico que traz, em muito larga medida, consequências de ordem sintáctica e de ordem tipológica para a língua chinesa.

A história da escrita mostra-nos que os pictogramas primitivos não são susceptíveis de reflectir o conteúdo da língua, enquanto que os seus sucessores, ideogramas e alfabetos, além da função acima mencionada, prestam-se também à segmentação em termos de unidades discretas, quer num contexto isolado, quer num contexto sequencial; é a ordem das palavras. As razões profundas pelas quais ideogramas e alfabetos diferem no plano da segmentação dizem respeito essencialmente ao facto de pertencerem a sistemas de escrita diametralmente opostos.

[Exemplo 1]: 范

Este ideograma forma um bloco em si, obedecendo às regras de constituição em termos de traços cruzados (十), de traços separados (丿), e de traços contínuos (匚).

Visto sob este ângulo, o ideograma chinês representa por direito próprio a chamada escrita fechada.

[Exemplo 2): «português»

Estritamente falando, esta palavra não constitui um bloco em si, visto ser susceptível de declinação, dando lugar ao aparecimento, por exemplo, de «portuguesa»; daí pertencer à escrita dita aberta.

Ora, a escrita fechada está intrinsecamente ligada à ausência de marcadores morfológicos do mesmo modo que a escrita alfabética prevê a sua presença. Um bloco fechado não admite nem modificação nem prolongamento e, como se pode ver no bloco 2, a estrutura linear esquerda-direita do português presta-se a todos os jogos de declinação e de conjugação segundo os casos. O que as línguas românicas exprimem por meio dos marcadores morfológicos é dado em chinês quer através do marcador zero, quer pelo marcador de carácter semi-independente.

Por marcador zero entende-se, por um lado, que qualquer discriminação de pessoa, de número, de tempo para um verbo e, por outro lado, de número, de género para um nome ou um adjectivo, toma morfológicamente a forma zero em língua chinesa.

Como marcador de carácter semi-independente indicamos um pequeno número de morfemas vazios de sentido lexical cuja única função é de se juntarem a certas categorias gramaticais para marcar certas noções. Por exemplo, os morfemas *tei-6* e *mun-4* em cantonês, co-variantes para indicar a pluralidade dos nomes com o traço de mais humano. Este pequeno número de morfemas têm a particularidade de carecerem de aplicabilidade. Submetidos a diversas restrições contextuais, a sua presença é obrigatória em certos casos, opcional ou estritamente impossível noutros.

Emprego obrigatório

[Exemplo 3]

koi-5	_____	koi-5 tei-6	* ta-1 tei-6)
ta-1	_____	ta-1	* koi-5 mun-4)
[ele]	_____	mun-4 [eles]	

(Não se pode dizer * ta-1 tei-6, nem *koi-5 mun-4¹)

Emprego opcional

[Exemplo 4]

kao-3 si-1 mun-4		tong-4 hok-6 sang-1 mun-4
kao-3 si-1	ϕ	tong-4 hok-6 sang-1 mun-4
kao-3 si-1	ϕ	tong-4 hok-6 sang-1 ϕ

[Professores e aprendentes, com marcador mun-4]

[Exemplo] 5

* kao-3 si-1	tei-6	tong-4	hok-6	sang-1	tei-6		
kao-3 si-1	koi-5	tei-6	tong-4	hok-6	sang-1	koi-5	tei-6
kao-3 si-1	ϕ	ϕ	tong-4	hok-6	sang-1	oi-5	tei-6
kao-3 si-1	ϕ	ϕ	tong-4	hok-6	sang-1	ϕ	ϕ

[professores e aprendentes, com marcador tei-6]

Os exemplos 4 e 5 com ou sem mun-4 ou tei-6 exprimem o mesmo sentido. Trata-se da colocação no plural de «professores e aprendentes».

Emprego impossível

[Exemplo 6]

Cheong-1, Lei-5, Wong-4	hai-6	kao-3	si-1	ϕ
* Cheong-1, Lei-5, Wong-4	hai-6	kao-3	si-1	tei-6
* Cheong-1, Lei-5, Wong-4	hai-6	kao-3	si-1	koi-5 tei-6
* Cheong-1, Lei-5, Wong-4	hai-6	kao-3	si-1	mun-4

[Cheong, Lei, Wong são professores tendo como sujeito nomes de pessoas]

[Exemplo 7]

koi-5 tei-6	hai-6	kao-3	si-1	ϕ
* koi-5 tei-6	hai-6	kao-3	si-1	tei-6
* koi-5 tei-6	hai-6	kao-3	si-1	koi-5 tei-6
* koi-5 tei-6	hai-6	kao-3	si-1	mun-4

[Eles são professores, tendo como sujeito os pronomes pessoais koi-5 tei-6]

¹ O símbolo * é utilizado para indicar que a expressão por ele assinalada não pode ser usada.

[Exemplo 8]

ta-1 mun-4 hai-6 kao-3 si-1
* ta-1 mun-4 hai-6 kao-3 si-1 mun-4

[Eles são professores tendo como sujeito os pronomes pessoais ta-1 mun-4]

Do que acaba de ser dito, a conclusão que decorre é a de que o cantonês figura como uma língua desprovida de flexão morfológica, não sendo a presença de morfemas gramaticais de natureza a mudar as coisas face às restrições impostas quanto ao seu emprego e, sobretudo, em comparação com as línguas românicas cujo sistema flexionai é tão previsível como sistemático. Pobreza morfológica, eis a primeira característica da língua cantonesa.

A análise da escrita fechada e a verificação da ausência flexionai revelam-nos a natureza da própria língua chinesa. Nas páginas seguintes vamos ocupar-nos dos efeitos provocados por esta ausência ao nível da gramática chinesa. Todavia, antes de lá chegarmos, passamos rapidamente à classificação tipológica das línguas, classificação lógica visto que a tripartição proposta corresponde dum maneira geral às abordagens efectivamente verificadas numa ou noutra língua para exprimir diversos valores gramaticais. A referida classificação pode ser representada do modo seguinte:

Tipo	Conteúdo	Esquema
Isolante	Invariabilidade ao nível da palavra; recursos a meios externos para exprimir o valor gramatical	X / X
Aglutinante	Junção de elementos à forma de partida	X / Xa
Flexional	Modificação na terminação da própria palavra quer em termos de declinação, quer de conjugação	Xa/ Xb

Ora, qualquer língua que possua uma escrita fechada apenas pode pertencer ao tipo isolante na classificação. No que respeita à língua chinesa, esta pertença comporta um triplo critério: invariabilidade morfológica, propriedades tonais e monossilabismo. É isto que está por detrás de uma ideograma chinês, no sentido linguístico do termo.

2. ESTUDO CONTRASTIVO

Por mais preliminares que sejam, os resultados só podem fazer-se conhecer dum maneira científica, racional, se forem fundados numa pista tripla de investigação: estrutura, sentido e expressão.

Partindo dum frase de base, do tipo # S + V + O # :

2.1 NO PLANO DA ESTRUTURA

Um ideograma, enquanto signo, representa justamente uma certa forma fonética e um certo conteúdo lexical. Ele não diz nada dele próprio, nem sobre a sua pertença categoria!, nem sobre a sua potencialidade

funcional. No plano morfossintáctico, dois princípios de importância maior determinam todo o mecanismo gramatical do chinês, a saber o princípio da não-correspondência categoria/função e o princípio da similaridade constitucional sintagma/frase. O primeiro sugere o carácter multifuncional das palavras chinesas e o segundo, a dualidade dum sintagma que possa funcionar quer enquanto tal, quer enquanto frase independente e isto em conformidade com o papel que se lhe atribui.

2.1.1 Princípio da não-correspondência

Nas línguas românicas existe uma correspondência quase total entre as categorias gramaticais e a sua função numa frase concreta. Por exemplo, um verbo funciona sempre como o elemento central dum sintagma predicativo (ex. «viajar», em português); o nome como elemento central dum sintagma nominal ocupando o lugar de sujeito ou de objecto (ex. «viagem»); um adjectivo como modificador nominal (ex. «lento») e, enfim, um advérbio como modificador verbal (ex. «lentamente»).

No quadro A:

Correspondência categoria/função, em português

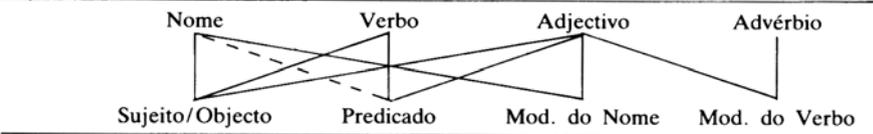
[Quadro A]

Nome	Verbo	Adjectivo	Advérbio
Sujeito/Objecto	Predicado	Mod. do Nome	Mod. do Verbo

Em chinês, pelo contrário, o estado de coisas é duma complexidade perturbadora como se poderá verificar através do quadro B:

Correspondência categoria/função, em chinês

[Quadro B]



Como se pode ver, o quadro B recobre totalmente o que exprime o quadro A, mais ou menos como em chinês.

Verbo e adjectivo podem funcionar como sujeito e como objecto.

[Exemplo 9]

- a) iao-4 soi-2 / hou-2 su-1 fok-6
 [nadar é muito agradável: iao-4 soi-2, «nadar» emprega-se como sujeito]
- b) koi-5 sek-1 / iao-4 soi-2
 [Ele não sabe nadar: iao-4 soi-2, «nadar» emprega-se como objecto]

c) leak-3 / m-4 hai-6 wai-4 iat-1 ke-3 tio-4 kin-2

[A beleza não é a única condição (que conta): **leak-3, belo** emprega-se como sujeito]

d) koi-5 hou-2 sek-1 pan-6 / leak-3

[Ela sabe fazer-se bonita: leak-3, «belo» emprega-se como objecto]

O nome pode funcionar como modificador

[Exemplo 10]

ou-3 mun-4 tan-1 che-1 pei-2 choi-3 kit-3 kuo-2

[O resultado da corrida de bicicletas em Macau: ou-3 mun-4 / Macau; tan-1 che-1 / bicicleta; pei-2 choi-3 / competição; empregam-se todos como modificadores em relação a kit-3 kuo-2 / resultado]

O nome pode funcionar em certas condições como elemento predicativo

[Exemplo 11]

koi-5 sap-6 kao-2 soi-3

[Ele tem 19 anos: sap-6 kao-2 soi-3 / dezanove anos, analisa-se como sintagma verbal visto que, em chinês, não se emprega o verbo «ter» em casos semelhantes]

O adjectivo pode funcionar como elemento predicativo ou complemento

[Exemplo 12]

tin-1 kuong-1 lak-3

[Já amanheceu: kuong-1 / claro, emprega-se como verbo]

Estes casos não estão todos representados no quadro A. Entre os quatro pontos referidos acima, é importante reter o primeiro e o segundo que têm um papel a desempenhar na gramática chinesa. Começamos pelo primeiro ponto. De facto, nas línguas românicas, também um verbo pode aparecer em vez do sujeito e do objecto, mas somente quando o verbo em questão estiver no infinito. No que respeita ao adjectivo, uma espécie de nominalização que se opera por meios de lexicalização ou de sintaxe é condição necessária para que ele possa ocupar eventualmente o lugar de sujeito ou de objecto. Todo este processo de categorização, não só relativamente ao verbo mas também ao adjectivo, nas línguas românicas, mostra-se totalmente supérfluo aos olhos dos utentes do chinês. Quem diz invariabilidade morfológica diz invariabilidade categorial, donde a assimilação lógica do princípio da não-correspondência ao da multi-funcionalidade para as categorias em chinês.

Passemos ao segundo ponto. A razão de ser do adjectivo nas línguas românicas reside no seu emprego como modificador nominal. Não faltam casos em que o nome pode modificar um outro nome por justaposição, por exemplo. Ora, as coisas situam-se a níveis diferentes. As línguas românicas vêem as coisas sobretudo a nível lexical e não faltam exemplos de nomes compostos tais como «couve-flor» e «amor-perfeito», em português, para apoiar esta teoria, enquanto que em chinês se raciocina em termos sintácticos. O que é preciso reter é que nível lexical e nível sintáctico não podem de modo nenhum ser confundidos. A justaposição lexical é fixa (como testemunha o traço de união que liga os dois termos). A justaposição sintáctica é livre: faz-se, desfaz-se e refaz-se conforme as necessidades. Com efeito, nos casos em que as afinidades semânticas a tal se prestam, a justaposição dos nomes em chinês pode dar origem a sintagmas nominais duma extensão que pode ser considerada, aos olhos dum ocidental, pelo menos exagerada

[Exemplo 13]

Pou-4 tou-4 ng-4 nam-4 fong-1 un-4 hoi-2 kok-3 sang-2
 [Portugal] [Sul] [margem] [provincia]
iao-1 leng-4 tei-6 koi-1 keng-1 chai-3 chok-3 mat-6
 [colina] [região] [economia] [plantas]
chan-2 leong-6 koi-3 fong-3
 [volume de produção] [resumo]

[Resumo sobre o volume de produção de plantas industriais nas regiões montanhosas das províncias litorais situadas no Sul de Portugal.]

em que o termo «resumo» aparece em chinês em posição final de sintagma nominal que conta no total com nove modificações todas de natureza nominal.

2.1.2 Princípio de similaridade de construção

Nas línguas românicas os verbos conhecem a dicotomia verbo infinitivo e verbo conjugado e obedecem a regras de selecção sintáctica; é verbo infinitivo todo o verbo colocado no lugar que, normalmente, o sujeito ou o objecto ocupam; é verbo conjugado todo o verbo colocado no lugar que, normalmente, ocupa o elemento central do sintagma predicativo e que transporta as marcas de tempo, de modo, de aspecto, etc.

Esta dicotomia é desconhecida em chinês. As suas construções verbo-nominais, por exemplo, parecem-se muito com peças pré-fabricadas de natureza morfo-semântica. Quanto a saber a que nível de língua se empregam aquelas peças, nível sintagmático ou nível frásico, isso depende unicamente do papel que lhe atribui o sujeito falante na cadeia falada.

[Exemplo 14]

- a) /cheong-3 iat-1 cheak-3 ko-1/
 [cantar uma canção]
 b) /cheong-3 iat-1 cheak-3 ko-1 (1a-1)/
 [cante uma canção!]

- c) / (ngo-5) cheong-3 iat-1 cheak-3 ko-1/
[eu canto uma canção]

Atentemos, por um lado, que a) se emprega como sintagma, encontrando-se assim ao nível sintagmático, enquanto b) e c) se situam a nível frásico, sendo b) de natureza volitiva e c) de natureza declarativa e que, por outro lado, os constituintes 1+2+3+4 permanecem idênticos, independentemente do papel que lhes é atribuído.

2.2 NO PLANO DO SENTIDO

No que diz respeito à organização interna da frase, podemos partir quer da bipartição sujeito/predicado, quer da tripartição sujeito/verbo/objecto.

2.2.1 Bipartição sujeito/predicado

Nesta matéria, dois pontos devem ser examinados de perto:

Importância do sujeito

Nas línguas românicas, o sujeito é o constituinte nominal mais importante no seio da frase. No processo desencadeado pelo semantismo do verbo principal, o grau de participação do sujeito varia segundo o tipo de frase onde está inserido. Participação forte nas frases pessoais, e participação fraca nas frases impessoais. Quer se trate duma participação forte ou fraca, nenhuma frase pode dispensar um sujeito, o que põe em relevo a importância da sua presença. Ao contrário, o impacto do sujeito em chinês faz-se sentir duma maneira muito menor, pela simples razão de que não é um elemento indispensável na construção da frase e alias, mesmo com a sua presença, indica apenas, na maior parte dos casos, um fraco grau de participação no processo de predicação.

Por outro lado, a bipartição sujeito/predicado exerce fortes restrições na constituição da frase, nas línguas românicas. Considerações de ordem lógico-semântica determinam de antemão a função do sujeito e a conjugação do verbo, aparelho morfológico muito poderoso, permitindo a sua identificação. Com o concurso de todos estes elementos, o problema de saber que categorias podem desempenhar a função de sujeito não se põe. Tudo está previamente determinado psicologicamente falando. Assim, parecem inaceitáveis, aos olhos dos utentes das línguas românicas, as seguintes transformações estruturais que se operam em chinês:

[Exemplo 15]

- | | |
|--|-----------------|
| a) <u>cham-4</u> <u>iat-6</u> <u>kai-1</u> <u>si-5</u> <u>mou-5</u> <u>u-2</u> | (1 + 2 + 3 + 4) |
| b) <u>kai-1</u> <u>si-5</u> <u>cham-4</u> <u>iat-6</u> <u>mou-5</u> <u>u-2</u> | (2 + 1 + 3 + 4) |
| c) <u>u-2</u> <u>cham-4</u> <u>iat-6</u> <u>kai-1</u> <u>si-5</u> <u>mou-5</u> | (4 + 1 + 2 + 3) |
| d) <u>u-2</u> <u>kai-1</u> <u>si-5</u> <u>cham-4</u> <u>iat-6</u> <u>mou-5</u> | (4 + 2 + 1 + 3) |

Os exemplos (15 a), b), c), d)) são contudo frases normais para os cantoneses. A razão da sua gramaticalidade reside justamente na dualidade do sujeito. À excepção do verbo principal (i.e. constituinte 3: mou-5, não ter), qualquer outro constituinte (i.e. 1+2+4) tem iguais

probabilidades de poder ser ou não sujeito. Não são pois os elementos linguísticos que, em primeiro lugar, determinam a escolha do sujeito, mas antes as reacções de ordem pragmática provocadas nos falantes. A conclusão lógica que decorre daqui é de que, por um lado, o liame que liga o sujeito ao predicado se mostra muito ténue, vago, instável, visto estar liberto de restrições de toda a espécie. Por outro lado, o que define a noção de sujeito em chinês é muito vasto pois que implica, simultaneamente, diversos níveis: semântico, pragmático e sintáctico. Nas línguas românicas a noção de sujeito é, fundamentalmente, uma noção sintáctica.

Classificação do sujeito em cantonês

Devido ao princípio da não univocidade, o semantismo do elemento susceptível de aparecer na posição de sujeito sugere um vasto leque de interpretações.

Exemplos:

- a) actante: koi-5 tai-2 su-1
[Ele lê]
- b) paciente: song-3 chu-2 hou-2 cho-2
[O prato está bem cozido]
- c) tempo: kam-1 iat-6 hoi-1 wui-5
[Hoje temos uma reunião]
- d) lugar: sut-3 kuai-6 iao-5 pe-1 chao-2
[No frigorífico há uma cerveja]
- e) instrumento: ni-1 pa-2 tou-1 chit-3 iok-6
[Corta-se a carne com uma faca]
- f) domínio: sang-1 kuo-2 ngo-5 chong-1 i-3 sek-6 lei-2
[Quanto à fruta, eu prefiro a pêra]
- g) fim: chi-1 ma-4 lok-6 tao-2 ke-3 si-6 tou-1 chang-1
[Não se deve discutir por bagatelas]
- h) norma: seong-6 tao-6 ke-3 kuai-1 teng-6 lok-6 tim-2 lok-6 pan-1
[De acordo com as decisões superiores, o trabalho termina às seis horas.]

2.2.2 Tripartição sujeito/verbo/objecto

J. Greenberg formulou, nos anos sessenta, uma hipótese de trabalho segundo a qual se poderia encarar a classificação dos tipos de língua sob o ângulo da ordem regular dos elementos (S) sujeito, (V) verbo, (O) objecto, nas sequências observadas. Nos parágrafos que se seguem tentaremos mostrar que, no estado actual dos conhecimentos, a hipótese em questão se revela falsa, a propósito da língua chinesa. A nossa análise baseia-se em argumentos que são respectivamente de ordem estatística, semântica, pragmática e sintáctica.

Argumentos de ordem estatística

Segundo as estatísticas dum investigador chinês, as sequências SVO em chinês apenas representam entre 10% a 16% das sequências inventariadas na investigação, enquanto que as sequências SSV, desconhecidas nas línguas românicas têm uma taxa de emprego superior a 50%. A conclusão fala por si. Na verdade, trata-se de números a propósito do mandarim chinês, mas que, contudo, podem servir também para o cantonês dado o pequeno desvio que separa a sintaxe das duas línguas.

Argumentos de ordem semântica

Na lógica das línguas românicas, a acção que o verbo principal duma frase desencadeia atinge o objecto, como ponto de chegada, por intermédio do sujeito que serve como ponto de partida. O processo em questão é considerado no sentido normal. Para o cantonês, o mecanismo contém sentido duplo: além do sentido normal como o que se expressa na lógica latina, há um sentido inverso

[Exemplo 16]

a) ngo-5 tei 6 cho-5 m-4 sai-3 ni-1 cheong-1 toi-2
1 2 3

[Nós somos poucos para ocupar toda a mesa (no restaurante)]

b) ni-1 cheong-1 toi-2 cho-5 m-4 sai-3 ngo-5 tei-6
3 2 1

[Nós somos muitos para nos podermos sentar todos à mesma mesa]

em que a) e b) não representam o mesmo sentido do processo, sendo b) aliás, uma sequência que tem como sujeito um nominal com sentido locativo. Tendo em conta o facto que o semantismo de a) e b) se mostra literalmente oposto ainda que comportando exactamente os mesmos constituintes, pode-se deduzir daí que para além da estrutura de superfície de SVO se dissimulam diversos tipos de estruturas profundas cuja eventual ambiguidade não se poderia captar à primeira vista.

Argumentos de ordem pragmática

As sequências SSV, cuja frequência de emprego em chinês é muito elevada, não se prestam, evidentemente, aos processos de análise que se aplicam às sequências SVO e, aliás, não existe uniformidade de opinião na matéria, mesmo entre os linguistas chineses que, dum modo geral, estão divididos por duas maneiras de ver. A primeira maneira de ver é a que se chama de tematização, que tende a analisar a sequência SSV através da fórmula: tema + sujeito + verbo.

[Exemplo 17]

a) ieong-4 iok-6 ngo-5 sek-6
1 2 3

[carne de carneiro + eu + comer = eu como carne de carneiro]

em que 1 se assemelha ao tema, 2 ao sujeito, sendo 3 o verbo principal.

A segunda maneira de ver é o que se chama sequência de S múltiplos, ou sequência com predicado, comportando sujeito e verbo.

[Exemplo 17]

b) $\frac{\text{ieong-4 iok-6}}{1} \quad \frac{\text{ngo-5 sek-6}}{2}$

em que 1 se assimila ao sujeito írasico e 2 ao predicado que comporta no seu seio um sujeito predicativo: ngo-5, eu e um verbo predicativo: sek-6, comer.

Como indicámos acima, a análise linguística faz-se em três níveis que têm uma ligação muito estreita entre eles ainda que permanecendo distintos uns em relação aos outros, a saber: estrutura, sentido e expressão. Os dois processos de análise evocados atrás diferem quanto ao nível escolhido. Falaremos disso mais tarde.

Argumentos de ordem sintáctica

As línguas românicas prestam uma grande atenção ao estudo do sujeito e à ligação sujeito-predicado. Sujeito e predicado constituem ambos uma espécie de núcleo na frase, no sentido restrito do termo. Por outro lado, no sentido amplo do termo, os complementos que se lhe juntam não figuram na frase senão como elementos periféricos em relação ao núcleo sujeito-predicado. Esta visão do problema gera na ordem das coisas duas espécies de restrições sintácticas:

- a) Não é permitido inserir nenhum elemento entre o sujeito e o predicado, constituindo ambos o núcleo da frase;
- b) Os complementos, enquanto elementos periféricos, colocam-se normalmente à direita do núcleo (i.e. sujeito e predicado) para marcar o seu carácter de subordinação.

Por conseguinte, postos de parte os factores de ordem estilística que podem intervir duma maneira ou doutra, a disposição lógica duma frase normal em línguas românicas obedece ao esquema seguinte: o peso semântico assim como as restrições sintácticas fazem-se sentir mais no princípio do que no fim da frase.

[Exemplo 18]

a) $\frac{\text{Ele}}{1} \frac{\text{trabalha}}{2}$

b) $\frac{\text{Ele}}{1} \frac{\text{trabalha}}{2} \frac{\text{em Paris,}}{a} \frac{\text{todas as tardes,}}{b}$
 $\frac{\text{num restaurante,}}{c} \frac{\text{para ajudar a família}}{d}$

em que (1+2) representam o núcleo sujeito-predicado e (a+b+c+d) os complementos. A ordenação duma frase normal é, pois, do tipo (1+2) + (a+b+c+d). Na verdade, não está excluído, por razões estilísticas, que os elementos a+b+c+d possam ser colocados duma maneira ou doutra à esquerda ou à direita de (1+2), mas nunca entre os dois.

O cantonês adapta-se a uma visão completamente diferente das coisas, marcada pela fluidez. Por ser bastante ténue a relação sujeito/ /predicado, o lugar que cabe ao que se chama complemento nas línguas românicas encontra-se em pleno centro do «núcleo», o que faz com que o peso semântico assim como as restrições sintácticas se façam sentir em chinês mais no fim que no princípio da frase. Em esquema comparativo, portanto, (em que A representa as línguas românicas e B, o cantonês):

A: sujeito + verbo + complemento

B: sujeito + complemento + verbo

Eis o exemplo em cantonês:

[Exemplo 19]

a) $\frac{\text{koi-5}}{1} \frac{\text{mai-5}}{2} \frac{\text{fei-1}}{3}$

[Ele +comprar + bilhete]

b) $\frac{\text{koi-5}}{1} (\frac{\text{teng-1}}{a} \text{ iat-6} / \frac{\text{tong-4}}{b} \text{ ngo-5} / \frac{\text{cho-5}}{c} \text{ tek-1 si-2 hoi-3} /$

[Ele] [amanhã] [comigo] [de taxi]

$\frac{\text{Kuo-3 Heong-1 Kong-2}}{d} \frac{\text{mai-5}}{2} \frac{\text{fei-1}}{3}$

[(passar) em Hong Kong] [comprar] [bilhete]

em que paralelamente (1+2+3) representam o núcleo SVO e (a+b+c+d), complementos. A ordem numa frase normal é pois (1) + (a+b+c+d) + (2+3). É de notar que nenhuma consideração de ordem estilística poderia afectar esta ordem rígida. Está, portanto, excluído que os elementos (a+b+c+d) possam colocar-se de qualquer maneira à esquerda ou à direita ou mesmo no centro do núcleo (1+2+3). Uma pequena excepção, contudo, (a) que indica o tempo, pode colocar-se à esquerda de (1+2+3), mas não noutra lugar qualquer.

2.3 NO PLANO DA EXPRESSÃO

Importa distinguir os diferentes níveis em que optamos por nos colocar na análise linguística.

A análise estrutural diz respeito antes de mais nada à organização formal dos diversos constituintes da frase; à análise semântica compete revelar as ligações subjacentes de sentido; a análise em termos de expressão tenta fazer corresponder certos dados semânticos aos diversos processos de expressão. A escolha metodológica não deve, em princípio, provocar nenhuma confusão nestes três domínios que permanecem estreitamente ligados, ainda que distintos.

O que aqui interessa é atentar no facto de que a noção de sujeito se situa no plano da estrutura; as noções actante, paciente, etc., no plano do sentido; e a noção de tema, no plano da expressão.

Ora, quem diz expressão diz comunicação por intermédio da linguagem. Nas línguas humanas, o texto é, normalmente, constituído por frases alinhadas umas a seguir às outras. Esta linearidade linguística apenas reflecte a ordem de aparecimento e não os níveis hierárquicos. Por conseguinte, o sujeito falante tem de fazer face à organização dos

elementos. Duma maneira geral, o desenvolvimento narrativo deve respeitar o princípio segundo o qual se parte do conhecido para o desconhecido, do definido para o indefinido e, por outro lado, pôr em evidência o peso da informação. Tudo isto pertence ao domínio do tema que acabámos de referir.

Muitos foram os linguistas que se dedicaram ao estudo da língua chinesa no plano da expressão. Por exemplo, nos anos setenta, Carlos Li e outros avançaram que o chinês é uma língua com predominância do tema e, por comparação, o inglês é uma língua com predominância do sujeito. F. F. Tsao, por seu lado, sugeriu, nos anos oitenta, um outro processo de descrição, segundo o qual o chinês privilegia o discurso em detrimento da frase, enquanto tal. Todas estas hipóteses, se as examinarmos de maneira aprofundada, entram em choque, inevitavelmente, com a seguinte questão fundamental: o que é o tema? o discurso? No estado actual das coisas, estes conceitos carecem ainda de base empírica para serem suficientemente explicitados. Embora debatido até ao infinito, o problema continua sem solução. De maneira muito geral, o tema designa aquilo sobre que incide o interesse do sujeito falante. Para nos cingirmos ao cantonês, o tema varia segundo o sujeito escolhido. Esta impertinência não é, decerto, de natureza a resolver o problema, visto que a sua própria extensão muito dificilmente se deixa abranger.

Ao exemplo 15 acima citado que já nos dá uma primeira ideia, acrescentaremos outro,

[Exemplo 20]

Lei-5 i-1 sang-1 kao-6 nin-2 iong-6 chong-1 cho-2 ieok-6

1 2 3

[O doutor Lei] [ano passado] [com ervas medicinais]

i-1 hou-2 cho-2 ni-1 ko-3 peang-6 ian-4 ke-3

4 5

[ter curado] [este doente] [preposição com sentido possessivo]

kuan-1 chit-1 im-4

6

[reumatismo]

em que, como se pode ver, a disposição de elementos obedece à ordem 1+2+3+4+5+6, em que 1 serve de sujeito mas, colocado na posição inicial de frase, designa o actante. Por outro lado, temos em cantonês outros tipos de ordenação possíveis como abaixo se indica

- 2+1+3+4+5+6, em que 2 marca o tempo
- 3+1+2+4+5+6, em que 3 marca o instrumento
- 5+1+2+3+4+6, em que 5 marca a consequência
- 5+6+1+2+3+4, em que 5+6 marca, em bloco, o paciente

em que, à excepção do verbo principal (4), qualquer outro elemento pode ser escolhido como sujeito, mediante algumas modificações sintácticas de carácter menor. O mecanismo mental que rege a sua escolha permanece desconhecido dos investigadores e a conclusão lógica de tudo isto é que

sujeito e tema, quando se situam no mesmo plano, o chamado processo de tematização parecerá completamente supérfluo porque não tem valor real.

Paralelamente, a tematização não poderia dilucidar o problema das sequências SSV. Veja-se a sequência tipo SVO:

[Exemplo 21]

a) $\frac{\text{ngo-5}}{1} \frac{\text{sek-6}}{2} \frac{\text{ieong-4 iok-6}}{3}$

[eu como carne de carneiro]

em que só há a possibilidade de existirem duas variantes: SOV b) e OSV c):

b) 1+3+2

c) 3+1+2

Chegados a este ponto da discussão, estamos no direito de afirmar que o facto de designar ora «eu» ora «carneiro» como tema do enunciado, não é de modo nenhum racional. Pelo contrário, é mais o processo segundo o qual os assimilamos todos às sequências de predicado-sujeito-verbo. Em comparação com as línguas românicas, trata-se duma outra característica muito marcante na gramática do cantonês.

3. À MANEIRA DE CONCLUSÃO

A característica fundamental da gramática cantonesa reside na sua pobreza flexionai. Todos parecem de acordo com isto. Mas, só ao fim de trabalhos de investigação conduzidos de forma minuciosa é que se começa a poder tirar a limpo o que se esconde por detrás desta verificação aparentemente tão simples. Com efeito, a ausência flexionai conduz ao carácter multi-funcional das categorias gramaticais do cantonês para chegar à similaridade de construção dos sintagmas-frase. Visto mais precisamente sob o ângulo da sintaxe, a ausência flexionai forjou, além disso, a teoria da frase tipicamente cantonesa no sentido em que, em relação às línguas românicas, se caracteriza do seguinte modo: 1.º — o impacto do sujeito é menor; 2.º — a interacção sujeito/predicado é fraca. Pelo contrário, a ordenação do que se chama complemento é rigorosa em cantonês. A referida teoria projecta uma nova luz sobre a verdadeira natureza das sequências de predicado/sujeito-verbo. Tudo o que acaba de ser enumerado são factos da língua que se aceitam comumente. Então, qual a causa disso? Pensamos que é devida à escrita fechada que o cantonês possui.

(Tradução do original francês de Manuel Nóia, ex-assistente do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras de Lisboa, Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Difusão da Língua Portuguesa)

